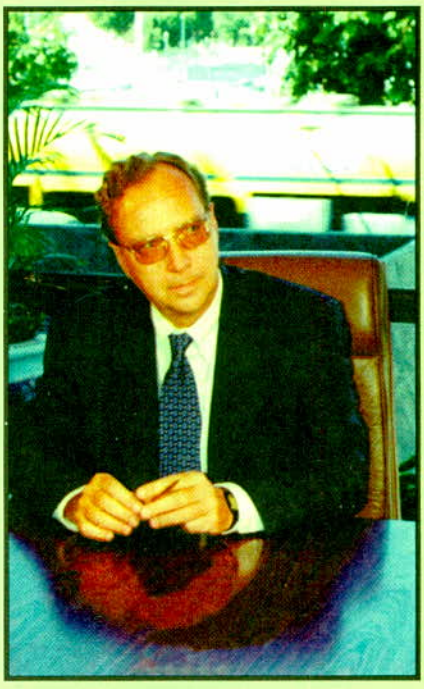
Janela aberta

CRISTIANO WALTER SIMON

A educação obrigatória



A realidade do meio rural brasileiro tem sido um tema recorrente nos meios de comunicação, causando geralmente espanto ao homem da cidade pelas peculiaridades de um mundo distanciado tanto geográfica quanto culturalmente. Histórias hilariantes do relacionamento entre os dois universos quase já fazem parte de um certo folclore, mas perdem a graça quando a matéria é a educação no campo. Na educação está a base para o entendimento do papel reservado ao homem moderno e, sem ela, aumenta a distância para o usufruto dos recursos que a sociedade lhe oferece atualmente.

Há 30 anos acompanho o andamento dessa questão e suas repercussões, nos dois universos citados, e há mais de 11 venho trabalhando na presidência executiva da Andef, uma entidade que tem interesse direto em corrigir erros que se cometem na utilização de defensivos agrícolas.

Vêm sendo desenvolvidos programas orientados para encontrar soluções de curto prazo nas áreas mais problemáticas. Em primeiro lugar, encontram-se os esforços despendidos para a educação do agricultor, visando ao uso correto e seguro dos produtos fitossanitários. Estamos falando de um trabalho iniciado nos idos de 1990, reunindo o apoio e a participação de importantes entidades brasileiras, como a Abimaq/Sindimaq (máquinas e implementos), Anda (fertilizantes e corretivos), Anfavea (tratores), Abrasem (sementes), Potafós (fertilizantes), Abag (agribusiness) e Andef (defensivos agrícolas). Acrescente-se a presença de associações de engenheiros agrônomos, faculdades de agronomia e outros segmentos, cuja enumeração seria por demais extensa, que emprestaram instalações, dedicaram tempo e recursos para tornar viáveis os cursos planejados, buscando ampliar e aprofundar conhecimentos sobre o uso correto e seguro junto a engenheiros, agrônomos e técnicos agrícolas, de modo que estes passassem a atuar como agentes de difusão, multiplicadores de mensagens de interesse de nossa agricultura.

Há quatro anos, a Andef passou a trabalhar em nova frente de ação, de fundamental importância para resolver as questões de uso indisciplinado de defensivos agrícolas, ao firmar convênio com o Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), pioneiramente com a unidade do Paraná e hoje estendido a 15 estados. Se os cursos iniciados em 1990 sempre visaram a profissionais capazes de multiplicar e disseminar as mensagens do meio rural, os convênios com o Senar começaram a formar instrutores com a missão exclusiva de levar ensinamentos ao agricultor. Somente em 1997, os cursos de formação de instrutores com capacitação para o ensino da aplicação e manuseio de produtos fitossanitários estarão formando mil instrutores, que desdobrarão seus conhecimentos a 165 mil usuários.

Isoladamente, as empresas associadas à Andef promovem no meio rural um trabalho de extensão vinculado ao uso correto e seguro dos defensivos agrícolas. São 1.700 profissionais da indústria prestando serviços ao produtor rural. No Brasil, aquelas companhias realizaram em 1996 cerca de 17.800 eventos (palestras e treinamento) e 3.750 dias de campo, resultando em cerca de 70 atividades técnicas diárias com agricultores. Essas realizações atingiram um público de 541 mil pessoas no campo.

O desenvolvimento de equipamento de proteção individual (EPI), apropriado às condições climáticas e de uso no Brasil, configura outra importante ação da indústria, levada a cabo com o apoio da Fundacentro, bem como a concretização de um projeto piloto de descarte de embalagens vazias de defensivos agrícolas, já em plena operação e produzindo conduítes para a construção civil a partir do plástico reciclado.

Consciente do seu papel e das suas limitações para atingir com esses programas todo o universo de agricultores brasileiros, a Andef tem colocado à disposição da comunidade brasileira todos os recursos possíveis no sentido de resolver os problemas enfrentados com o uso incorreto de defensivos agrícolas.

A disseminação de hábitos que levem o agricultor à adoção das atividades desejáveis, sobre o uso correto e seguro de defensivos agrícolas esbarra em atitudes quase inacreditáveis de resistência. Resistências do tipo "não uso o equipamento porque não é confortável", "trabalho há anos sem o equipamento e acho que o produto não faz mal", "aplico dessa forma porque aprendi com meu pai" e coisas semelhantes, não podem mais ser passivamente aceitas pela sociedade. Em empresas da área agrícola, já existem excelentes exemplos de redução dos problemas com aplicadores e com as aplicações pela obrigatoriedade de adoção de procedimentos corretos. Os conhecimentos disseminados são de utilidade prática, comprovadamente assimiláveis pelo agricultor. A Lei 7.802 distribuiu responsabilidades a todos os participantes da longa cadeia que envolve a utilização dos defensivos agrícolas – da indústria ao homem que faz o uso final no campo. Está na hora de observar sua aplicação sem desculpas inadmissíveis.

Engenheiro agrônomo e presidente executivo da Andef – Associação Nacional de Defesa Vegetal.